



APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

A edição 18 da Revista Rebento do PPGA/IA-Unesp, intitulada **“Representação e representatividade na produção artística contemporânea”** procura contribuir para as discussões sobre a capacidade da arte contemporânea de reconfigurar e/ou abandonar padrões hegemônicos de representação, no que se refere à criação em artes, para abarcar maior representatividade, diferentes lugares de fala e experiências de vida mais múltiplas. A arte como produção autônoma do real, que vinha sendo contestada pela incapacidade do representante estar pelo representado, toma novos rumos, ao passo que a ideia de representatividade não só questiona aspectos estéticos, mas também limites éticos.

Se as relações entre representação e representatividade têm gerado novas equações e teorias nas primeiras décadas do século XXI, como têm sido alteradas a forma, a função e o discurso das artes cênicas e visuais? A partir da chamada para a edição 18, autores e autoras apresentam artigos, textos ensaísticos, ensaios visuais, dramaturgias, entrevistas, manifestos, traduções e narrativas de processo que, por meio de discussões e problematizações, polifonizam os debates contemporâneos acerca da representação e representatividade nas artes. Dadas as complexidades do tema, suas reverberações e desdobramentos, ficam evidentes não apenas a impossibilidade de abarcar todas as representatividades sub representadas em meios oficiais, como se impõem os desafios em dialogar amplamente com setores da sociedade muitas vezes invisibilizados nas reflexões acadêmicas. Contradições, fricções e confluências aportam para vislumbrar, portanto, respiros e possibilidades de transformação do mundo, em que as artes e as reflexões intrínsecas aos seus processos de produção criativa demonstram alternativas às formas hegemônicas.

Abrindo a edição, **Arte + Identidade Negra = A Performance Negra? Um olhar para o Fórum Nacional de Performance Negra**, de Jordana Dolores Peixoto, Rafaela Francisco de Jesus e Renata de Lima Silva (Kabilaewatala), observa as três primeiras edições do Fórum Nacional de Performance Negra e a forma pela qual compreende o conceito de performance. O Fórum trata-se de

iniciativa do Bando de Teatro Olodum e da Cia. dos Comuns, visando proposições e ações referentes a políticas públicas culturais voltadas para a arte negra brasileira.

Na sequência, **Mãe é tudo igual? Representações da maternidade nas produções artísticas feministas**, Mariela Lamberti e Lucia Romano refletem sobre as representações da maternidade na arte contemporânea a partir de uma perspectiva feminista. Pontuam o caráter interseccional e a pluralidade de subjetividades que caracterizam a maternidade, a partir de algumas produções contemporâneas de mulheres que são também mães, e que friccionam construção ficcional e elementos autobiográficos, propondo contra-narrativas normatizadas.

Já em **Mulheres da Lagoa: uma experiência do real em cena**, Juliana Ferreira Machado (Juliana Mado), trata do processo de criação do espetáculo “Mulheres na Lagoa”, com mulheres do povoado de Lagolândia, em Goiás, que contribuem com elementos autobiográficos para o espetáculo, trazendo à tona histórias de Santa Dica, das festas e das performances culturais desses lugares.

O artigo **Diálogo sobre Representação e Representatividade no Teatro Paulistano Contemporâneo: o caso dos solos autorais**, de João Pedro Ferreira dos Santos Ribeiro e Maria Amélia Bethovem Farah, apresenta uma conversa entre os dois artistas a respeito de alguns espetáculos que contemplam a autorrepresentação e os denominados solos autorais, perscrutando uma perspectiva histórica.

No quinto texto, **Nenhuma Ideia Nova: Desaprender como ecologia decolonial em Amazônia, da mala voadora**, Artur Kon investiga a companhia portuguesa, com a peça “Amazônia”. Seu olhar aponta para a possibilidade da equipe criadora europeia exercitar uma autocrítica decolonial. O autor explora tensionamentos presentes na peça, buscando desenvolver uma perspectiva própria para os conflitos dos processos colonizatórios.

Em **Carnaval e Transgressão: a etnocologia e a carnavalização em diálogo com a Mangueira (RJ) e o Nazaro (BA)** a proposta de José Guilherme Carneiro Ribeiro Silva, orientado por Alexandre Mate, é refletir sobre diferentes experiências do carnaval brasileiro, a partir de uma leitura etnocológica, para a compreensão de aspectos sociais, políticos e estéticos que tais manifestações revelam como problemas e possibilidades. O conceito de carnavalização de Bakhtin é central para sua discussão na medida em que fornece ferramentas teóricas para lidar com festas e manifestações populares, tendo em vista sua potência subversiva e sua forma regeneradora.

O texto de Bruno Canabarro, **GOL-gay: Uma ação performativa desobediente na escola pública**, dialoga com teóricos e teóricas que discutem questões de sexualidade e gênero, apostando na arte performativa como possibilidade de ruptura da reprodução heteronormativa no ambiente escolar. O autor nos move a pensar, com muito mais perguntas que respostas, sobre as estruturas enrijecidas que podem ser desestabilizadas a partir de práticas artísticas contra-hegemônicas que convidam a escola a se repensar como um espaço mais sensível e atento às singularidades.

Em continuidade ao tensionamento da lógica normativa e binária de gênero, tão presente na própria estruturação da língua, Eduarda Camargo, orientada por Sergio Romagnolo, assina **Subversão da Língua: O Pajubá Como Ferramenta do Imaginário Travesti**. O Pajubá, apresentado como patrimônio linguístico no ENEM em 2018, aparece aqui como “tecnologia de transvalorização”, a partir de conexões entre Edouard Glissant, Stela do Patrocínio e Linn da Quebrada. O texto convoca a pensar sobre as relações entre a língua e a identidade travesti, historicamente perseguida, pelo seu caráter inventivo e subversivo, de modo a repensar poéticas e políticas linguísticas associadas à travestilidade no Brasil.

Também perpassando lugares reflexivos emergentes na contemporaneidade se apresenta o nono texto da edição. Ana Carolina Abreu, Dodi Leal, José Miguel Neira e Paola Lopes Zamariola registram o diálogo ocorrido entre elas e Silvia Rivera Cusicanqui durante o evento Encuentro Internacional de Artes Vivas (Uruguay, 2022). A entrevista **Campo Abierto: conversas sobre prácticas y discursos descolonizadores con Silvia Rivera Cusicanqui/Campo Aberto: conversas sobre práticas e discursos descolonizadores com Silvia Rivera Cusicanqui**, nas versões em espanhol e português, toca em diversos subtemas representativos de algumas preocupações relevantes para se pensar as artes e os saberes validados institucionalmente.

Segue-se o texto dramaturgico de Bárbara Maia, **Memórias de Um Mundo Além do Abismo**. Por meio de rememoração de ações cotidianas é reconstituída a identidade fragilizada pelas distâncias territoriais e dos convívios sociais. O corpo confinado durante a pandemia por Covid-19 se projeta para um mundo pós-pandêmico a refratar os processos coloniais. A criação da obra se deu em programa de mestrado Arts et scènes d’aujourd’hui (Artes e Cenas Atuais), na Aix-Marseille Université (AMU), na França, tendo sido publicado em francês pela editora Domens em 2022. A peça colabora como documento estético-histórico-social das empreitadas artísticas envolvendo autoficção, dramaturgia contemporânea e teatro decolonial, além de apontar para o caráter intrínseco da pesquisa ligada à produção artística.

Dialogando com os aspectos reflexivos sobre as relações entre os fazeres artísticos e as pesquisas acadêmicas, estão os relatos de processos **Corpos Nzilas: A corporeidade poética da cena encruzilhada**, de Aicha Alves Rocha do Nascimento (Aysha Nascimento), orientada por Gabriela Alcofra e co-orientada por Kleber Lourenço, e **Exposição Indumentárias de Orixás: arte, mito e moda no rito afro-brasileiro/representatividade contemporânea não hegemônica na universidade**, de José Roberto Lima Santos. **Corpos Nzilas** reafirma as práticas dos teatros negros paulistano como procedimentos de criação lastreados nas ancestralidades e culturas negras, percorrendo a própria trajetória artística da atriz que coordenou, atuou e dirigiu o espetáculo “NZINGA”. José Roberto, por sua vez, contempla as artes visuais negras contemporâneas não hegemônicas ao revisitar a denominada ocupação “Indumentárias de Orixás: Arte, Mito e Moda no Rito Afro-Brasileiro” realizada pelo artista e pesquisador,

produção também relacionada ao mestrado acadêmico (2018-2021), interseccionando vivências no candomblé e atuação em equipamentos artísticos de artes visuais em São Paulo.

Ana Amália Tavares Bastos Barbosa com a colaboração de José Minerini Neto fecham o conjunto de textos apresentados ao chamamento desta edição com o manifesto **A respeito da representatividade de pessoas com deficiência no circuito das Artes Visuais: um manifesto**, cuja apresentação é um ensaio visual, numa proposta que repete a imagem gráfica, de modo que possa ganhar circulação e visibilidade, para fazer ecoar a demanda por espaços de acesso no mundo das artes a um grupo invisibilizado socialmente, as pessoas com deficiência.

Abrindo o fluxo contínuo **De frente para o passado, de costas para o futuro - Walter Benjamin, tempo e espaço em Massa ré (2016) de Elilson e Marcha a ré (2020) do Teatro da Vertigem, Nuno Ramos e Eryk Rocha**, o artigo de de Renan Marcondes parte da análise de duas performances para compreender a relação com o tempo como fundamento crítico e político na abordagem da recente história brasileira, numa perspectiva benjaminiana. Indo além da noção de denúncia, o autor coloca em jogo diferentes noções de deslocamento espacial e temporal, exploradas também nas experiências analisadas, para desestabilizar ideias de progresso e repetição, numa espécie de ensaio sobre uma outra maneira de olhar a experiência do presente.

Na escrita de Beatriz Sano **Em caminhada: sobre o processo e reverberação da peça de dança “O que mancha”**, recuperam-se as reverberações da peça, produzida pela autora e Eduardo Fukushima, e que esteve em cartaz no ano de 2023. Voz e movimento, como relação motriz da obra, se multiplicam com os olhares para os processos de criação em dança.

Fechando a edição, Julia Feldens apresenta **Casa Líquida: uma performance-pesquisa**, no qual analisa o percurso de sua performance “Casa Líquida”, que caminha *pari passu* com sua pesquisa acadêmica. A ação, desenvolvida na residência da artista, foi lugar de centenas de projetos e mais de duas mil pessoas. Reafirma, portanto, quão intrínsecas estão as camadas de representação e representatividade e de como as pesquisas e processos artísticos são nutridos mutuamente por descobertas conceituais, sensíveis e complexas em seus múltiplos universos.

Nós, da editoria desta edição, entendendo as lacunas, contradições, incompletudes, esperamos que o material possa alimentar parte das reflexões envolvendo os tensionamentos e reverberações sobre representação e representatividade na produção artística contemporânea. Que possa repercutir em novas perspectivas, desdobrando-se em outras publicações, nas quais as margens amplificadas que abarquem as diversidades se tornem cada vez mais alargadas para os necessários horizontes.

Editoria Rebento 18
Fernanda Raquel, Rosana L. Andrade (Rosana Pimenta) e Simone Carleto Fontes